

SUGESTÃO:

CARTILHA DAS ÁGUAS

As ilhas do Guaíba, de formação aluvional, sofrem influências das águas dos seus rios formadores e de materiais trazidos pelas mesmas, determinando o crescimento ou a redução de suas margens, em permanente atividade de deposição ou abrasão.

1740 – concessão de extensa sesmaria na margem na Lagoa de Viamão, ao madeirense Jeronymo de Ornellas Menezes e Vasconcellos, assegurando ao mesmo a permanência de sua numerosa família e de agregados, o grupo pioneiro de colonização da região.

1752 – desembarcam no Porto do Dornelles os casais açorianos, cerca de trezentas pessoas, todas com tradições 'ilheiras', e que não aprovaram as terras que lhes haviam sido delimitadas, com algumas casas toscas no Morro de Santana e terrenos próximos, mas preferiram áreas marginais ao Guaíba, nas duas margens da península.

A água do Guaíba era límpida e potável, a pesca variada e de ótima qualidade (dourados, piavas, pintados e muitas outras espécies). Um verdadeiro paraíso.

O povoamento cresceu, tornou-se vila em 1810, e as ilhas gradativamente começaram a ser habitadas e usadas. Além da pesca abundante, havia a lenha (maricas, na maior parte), o pasto para o gado (adquirido por tambeiros e transportadores), leite, frutas e verduras, comercializados na vila.

No início de 1900, várias indústrias foram instaladas nas ilhas (estaleiros, vidros, madeira, pescado e outras), e até um hidro-aero-porto em fins de 1920, todos necessitando de mão de obra especializada, vinda de Porto Alegre.

Passados alguns decênios de respeito ao meio ambiente, o crescimento populacional trouxe as primeiras agressões ecológicas – lixo jogado nas águas, caça e pesca predatórias, desmatamentos, queimadas, plantíos de vegetação exótica e uso de adubos químicos, entre outras.

Árvores e arbustos nativos foram transformados em lenha, e o capim de proteção das margens foi cortado e vendido como pasto.

A maioria das habitações, era construída sobre palafitas, e seus habitantes dispunham de canoas toscas, usadas nos transportes em geral, e muito úteis nos períodos de 'cheias' e enchentes. Era a experiência 'ilheira'.

O uso gradativo de motores à óleo e gasolina, representava novas agressões ao ambiente natural, especialmente às águas.

O transporte fluvial de passageiros e de mercadorias entre cidades do interior e a Capital, fazia prosperar a navegação fluvial.

O crescimento populacional de comunidades ribeirinhas dos rios formadores do Guaíba, trouxe preocupantes poluições ambientais, especialmente do lixo e de esgotos, contaminando as águas.

Criadas as primeiras escolas, sendo alunos e professores transportados, em grande maioria, por barcos à motor.

O crescimento populacional nas ilhas era constante, mas ninguém dispunha de água tratada, nem de outras benfeitorias.

Plantações em grande escala de árvores exóticas, especialmente de eucaliptos, a maioria na Ilha Grande dos Marinheiros, e posteriormente na Ilha do Pavão, onde também foram plantadas muitas dezenas de 'pinus'

1954 – Início dos trabalhos de construção da Travessia Engenheiro Régis Bittencourt e suas 4 pontes, ligando a Capital com o Sul do Estado.

Contratados centenas de trabalhadores, grande parte vinda do Interior, morando precariamente nas ilhas e junto ao Cais dos Navegantes, próximo ao local de trabalho. Surgiram as Vilas Trevo (junto ao acesso à primeira ponte), na Ilha Grande dos Marinheiros, ao norte da rodovia e no mato de eucaliptos, e na Vila Sapo, na Ilha do Pavão, ao Norte da rodovia.

As condições higiênicas das habitações, inclusive muitas malocas e casebres,, eram precárias, água e esgoto nem pensar, e o lixo permanecia junto as moradias ou era jogado no Guaíba. A Vila Trevo teve mais de 500 habitações irregulares.

1958 – dezembro - Após a conclusão das obras da Travessia, centenas de trabalhadores, particularmente os de menor ou nenhuma formação profissional (serventes, ajudantes e auxiliares) foram dispensados, e a miséria atingiu muitas famílias. O emprego era difícil.

A 'floresta de eucaliptos' na Ilha Grande dos Marinheiros, gradativamente desapareceu transformada em lenha, aumentou a caça predatória (capivaras, ratões-do banhado e jacarés), bem como a pesca irregular durante a piracema e em locais de desova nos sacos naturais, para garantir a sobrevivência de muitos moradores.

Simultaneamente, tinha início a era dos plásticos, e sua deposição incontrolada nas margens de rios e arroios, ampliando o volume do lixo nas águas já bastante poluídas por outros materiais, substâncias e detritos.

A Travessia facilitou o deslocamento para as ilhas vizinhas de famílias carentes sem habitação, assim como a construção de ótimas residências e de mansões na Picada Sul e na margem oeste da Ilha das Flores.

Em muitos locais, a vegetação foi eliminada, a área aterrada, plantadas mudas de espécies exóticas, e construções surgiram sem o cumprimento da legislação ambiental em vigor. Ninguém foi processado ou punido.

A poluição dos rios, de todos os rios, cresceu significativamente, e o hábito de jogar o lixo, e qualquer entulho ou material inservível em suas águas, ficou praticamente incontrolável.

Nas lavouras e hortas, o uso de agro-tóxicos era cada vez maior, e os resíduos terminavam sempre nas águas dos arroios e rios, além de prejudicar à qualidade dos alimentos, da terra, da fauna e da flora. Um alerta sobre a gravidade de um problema – a contaminação periódica das águas de rios e arroios por agrotóxicos e resíduos industriais, resultando irresponsável e criminosa mortandade de peixes.

Na década de 1970, parte do lixo de Porto Alegre, especialmente do quarto distrito, foi depositada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em ilhas do Guaíba, sem qualquer seleção prévia. Nas áreas de coleta, não seletiva, funcionavam hospitais, clínicas, ambulatorios e consultórios médicos e dentários, farmácias que manipulavam medicamentos (para os quais, julgo que não havia coleta seletiva), além de oficinas e indústrias de baterias que usavam chumbo e outros poluentes, também sem cuidados especiais de seleção e deposição.

Na Ilha das Flores, ao Norte da rodovia, caminhões e tombadeiras depositaram mais de 10.000 cargas de lixo não selecionado, e mais de 153.000 na Ilha do Pavão, também ao Norte da rodovia.. Uma agressão ambiental incompreensível, mas autorizada e oficial.

Entretanto, todo este lixo não selecionado proporcionou uma nova fonte de trabalho á centenas de desempregados, surgindo os 'catadores de lixo', os 'selecionadores' e carroças para o transporte para os 'recicladores' e sua comercialização. Estes primeiros catadores, inexperientes e sem qualquer orientação técnica, passaram a morar com suas famílias em malocas ou casebres improvisados, o mais próximo possível dos depósitos de lixo, sem qualquer recurso de infra-estrutura social. Muitos casebres foram construídos sobre o próprio lixo, às vezes à margem do Guaíba, e até as 'cheias' menores já traziam o pânico, e agravavam as condições sub-humanas das famílias atingidas.

Os animais que transportavam as carroças sofriam ainda mais - mal alimentados, sem qualquer assistência especializada, magros, e alguns até famintos..

O lixo não aproveitado passou a integrar o solo das ilhas, muitas vezes depositado nas margens das ilhas, e até jogado nas águas.

Aconteceu então, um verdadeiro milagre – corações bondosos e mãos caridosas de irmãos maristas trouxeram apoio, conforto e orientação aos catadores, tornando possível fundar o primeiro núcleo de recicladores de lixo de Porto Alegre, na Ilha Grande dos Marinheiros. Desde então, gradativas conquistas de seus associados, famílias e comunidades.

Ressaltar, que a legislação municipal prevê a proibição do tráfego de carroças na maioria das ruas da cidade, no prazo de 7 anos – uma séria preocupação para os catadores de lixo de Porto Alegre.

1976 – Criação do Parque Estadual Delta do Jacuí, com 4.717 hectares, abrangendo ilhas do Guaíba, de Canoas (Garças) e de Guaíba (Figueira).

1979 - a área do Parque foi aumentada para 17.400 hectares, incluindo ilhas do Jacui inferior e áreas continentais municipais (03).

29/07-

2002 – A construção da Hidráulica Francisco de Lemos Pinto (Chico Inglês) na Ilha da Pintada, com capacidade de 5 milhões de litros, atendeu a demanda da referida ilha e dos moradores da Picada Sul . Uma conquista notável.

2004 – Uma iniciativa extraordinária da Campanha da Fraternidade, projetando com o apoio do DMAE, a instalação de 12 grandes reservatórios de água tratada e as respectivas redes de distribuição – 10 na Ilha Grande dos Marinheiros e 2 na Ilha do Pavão. Os trabalhos estão em fase adiantada, e algumas redes já proporcionam água tratada à centenas de moradores.

2004 – Extinção do Parque Estadual Delta do Jacuí e substituição por Área de Proteção Ambiental Delta do Jacuí – APA, com Zonas de Proteção Ecológica Integral e Zonas de Proteção Restrita permitindo usos diversos.

2005 – 11/11 – Lei Estadual nº 12.371 – Amplia a área da APA Estadual Delta do Jacuí para 22.826, 39 hectares, nos quais em 14.242,05 hectares fica inserido o Parque Estadual Delta do Jacuí, como Unidade de Proteção Ambiental.

2006 – 29/06 – Decreto Estadual nº 44.516, regulamente a Lei Estadual nº 12.371, de 11/11/2005.

Todas estas providências administrativas não trouxeram nenhuma determinação ou intervenção que trouxesse esperanças aos moradores carentes das ilhas, a água tratada de modo especial, e a interrupção das contínuas e intermináveis agressões ao meio ambiente e suas impunidades.

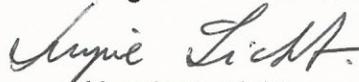
Os inúmeros problemas ecológicos nas ilhas e as inúmeras dificuldades da maioria de seus habitantes continuam desafiando os responsáveis pelos órgãos públicos ambientais e sociais.

No momento em que é lançada a CARTILHA DAS ÁGUAS, surge uma esperança - que finalmente algo de concreto seja realizado, e que a água potável para todos, seja uma realidade, acompanhada de outras determinações que solucionem definitivamente as dificuldades e incertezas que afligem há decênios, os moradores carentes do Delta do Jacuí.

2009 – 12/10 – 16ª Romaria das Águas – Procissão de Nossa Senhora Aparecida das Águas – Cartilha das Águas.

Preces fervorosas dos devotos em favor de águas límpidas, e da diminuição das agressões ambientais, serão atendidas, e os órgãos técnicos, as entidades ambientais e as comunidades do Delta do Jacuí, trabalharão unidas para a concretização de um sonho antigo – “ÁGUA TRATADA PARA TODOS”.

Porto Alegre. 07/07/2009.



Henrique Licht

CARTILHA DAS ÁGUAS

Uma história popular das águas do delta do Jacuí

Volta e meia ouvimos alguém falar assim: “As praias do Rio Grande do Sul começam em Santa Catarina”. Ou então, alguém mais sarcástico, um deles é um notável articulista de jornal, todos os anos, por ocasião da enxurrada dos “hermanos” argentinos rumo ao norte do Mampituba, sai com essa: “As praias de Santa Catarina dão de goleada nas praias do Rio Grande do Sul”. Ledo engano!... A realidade é que nosso Rio Grande tem dois mares, o de dentro e o de fora, enquanto Santa Catarina só tem um, o de fora.

Certa ocasião, em férias, referi os dizeres sobre nossas praias rio-grandenses, a um pescador de Tramandaí, provocado pelo estranhamento de um banhista, face à linha reta sem reentrâncias de espécie alguma, em nosso litoral, começando a norte, no Mampituba, limite com Santa Catarina, e estendendo-se até o Chuí, na fronteira-sul com o Uruguai. Escutemo-lo:

“O povo romano tinha um ditado que dizia: “o fim coroa a obra”. Deus, o supremo arquiteto do universo criou o mundo em sete dias. O último contorno de praias que se esmerou em trabalhar, foi no litoral do Brasil. Foi obra feita em mutirão: Deus com os seus anjos.”

Na manhã do sexto dia, quando meteram mãos à obra, começaram na costa norte da terra, a Amazônia, que seria batizada mais tarde, como todo o país, com o lindo nome de Terra de Santa Cruz e que depois passou a ser chamada Brasil. Vieram descendo rumo ao sul, num capricho só: praias cheias de recortes com enseadas, penínsulas, cabos, golfos, promontórios, baías, montanhas, estuários, etc. etc. Parecia mesmo um artesanato de mulher rendeira à beira d’água. Pelo meio dia, último de trabalho, tinham chegado à foz do Mampituba, divisa com o nosso Estado.

Deus Pai Criador se voltou para os anjos e falou: “ Vou me recolher ao seio da Trindade a fim de decidir como e quem vamos colocar para habitar a casa que está ficando pronta”. Decidiram então que as pessoas – homem e mulher – seriam feitos à “imagem e semelhança” da Trindade. Deixou um “trabalho de casa” para ocupar os anjos: “Deixo aos cuidados de vocês a tarefa de fazer as praias do Rio Grande que ainda falta”.

Os anjos arregaçaram as mangas e fizeram esse retão de litoral a contrastar com tudo que haviam feito antes em companhia do Criador do mundo.

Pelo meio da tarde Deus-Pai, depois de ter resolvido com o Filho e o Espírito Santo o jeito que teriam as pessoas que habitariam a Casa Terra, veio para junto de seus anjos para ver se tudo estava “nos conformes”. Quando deparou com a imensa linha reta da costa, o Criador levou um susto.

- “Então toda uma semana em que trabalhamos juntos não foi suficiente para vocês aprenderem?”

Os anjos ficaram tristes e até um deles ensaiou uma lágrima, mas Deus que é Amor, imediatamente atalhou: “Nada, nada grave! Agora, retomando nosso mutirão, vamos mostrar as maravilhas de que somos capazes de fazer no interior do continente. Vamos fazer o mar de dentro.” Falou e imediatamente espalmou a mão sobre o “continente” que é o Rio Grande”. A palma da mão divina é o Guaíba. Cada um dos cinco dedos são os 5 rios:

Jacuí, Caí, Sinos, Gravataí e Taquari. Isso tudo, naturalmente ao lado de inúmeros arroios, cascatas, lagos, lagoas, a Lagoa dos índios Patos que é a maior da América, etc. etc.

Dizem até que Jerônimo de Ornellas, o primeiro habitante, do alto do morro Santana em que morava, contemplava, lá de cima o Delta do Jacuí e repetia sempre: Eu VI-A-MÃO que se concretizou no nome do vizinho município.

Estava terminada a obra da Criação e a marca de Deus, - sua assinatura – é o Delta do Jacuí.